

O SANGUE DO OLIMPO

RICK RIORDAN

O SANGUE DO OLIMPO

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO CINCO

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright © 2014 by Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary
Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Blood of Olympus

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Eduardo Carneiro

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452s

Riordan, Rick, 1964-

O sangue do Olimpo / Rick Riordan ; tradução Edmundo Barreiros.
– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

432p. : 23 cm. (Os heróis do Olimpo ; 5)

Tradução de: The blood of Olympus
ISBN 978-85-8057-595-8

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Barreiros, Edmundo.
II. Título. III. Série.

14-14678

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para meus maravilhosos leitores.
Perdão pelas desculpas por aquele último suspense na história.
Vou tentar evitar suspenses neste livro.
Bem, talvez eu mantenha alguns...
Porque eu amo vocês.*

*Sete meios-sangues responderão ao chamado.
Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado.
Um juramento a manter com um alento final,
E inimigos com armas às Portas da Morte afinal.*

JASON

JASON DETESTAVA SER VELHO.

Suas juntas doíam. Suas pernas tremiam. Enquanto ele tentava subir a colina, seus pulmões chiavam como um motor velho.

Ele não podia ver o próprio rosto, mas os dedos estavam retorcidos e ossudos. Veias azuis e inchadas formavam teias nas costas de suas mãos.

Ele tinha até aquele cheiro de velho: naftalina e canja de galinha. Como isso era possível? Ele tinha ido dos dezesseis aos setenta anos em questão de segundos, mas o cheiro de velho chegara em um instante, tipo *bum*. Parabéns! Você fede!

— Estamos quase lá. — Piper sorriu para ele. — Você está indo muito bem.

Era fácil falar. Piper e Annabeth estavam disfarçadas de lindas jovens criadas gregas. Mesmo com o vestido branco sem mangas e as sandálias estilo gladiador, elas não tinham problemas em seguir pela trilha rochosa.

O cabelo cor de mogno de Piper estava trançado e preso em um coque. Braçeteletes de prata enfeitavam seus braços. Ela parecia uma estátua antiga de sua mãe, Afrodite, que Jason achava um pouco intimidadora.

Namorar uma garota bonita já era bem estressante. Namorar uma garota que era filha da deusa do amor... Bem, Jason sempre ficava com medo de cometer algum deslize que deixasse a mãe de Piper com raiva a ponto de, do alto do Monte Olimpo, transformá-lo em um porco selvagem.

Jason olhou para o alto da colina. Ainda faltavam uns cem metros até o cume.

— Isso foi uma péssima ideia. — Ele se apoiou no tronco de um cedro e enxugou o suor da testa. — A magia de Hazel é boa demais. Se precisarmos lutar, não vou servir para nada.

— Não vai chegar a esse ponto — prometeu Annabeth.

Ela parecia desconfortável em seu traje de criada. Não parava de levantar os ombros para evitar que o vestido escorregasse. O coque no alto de sua cabeça tinha se desfeito, e seu cabelo louro caía por suas costas como compridas pernas de aranha. Sabendo de seu ódio pelos aracnídeos, Jason achou melhor não comentar isso.

— Vamos nos infiltrar no palácio — disse ela —, conseguir a informação que queremos e cair fora.

Piper pôs no chão sua ânfora, o grande jarro de vinho de cerâmica em que sua espada estava escondida.

— Podemos descansar um segundo. Recupere o fôlego, Jason.

Sua cornucópia, o chifre mágico da fartura, estava presa à cintura; sua adaga, Katoptris, enfiada em algum lugar entre as dobras de sua roupa. Piper não parecia perigosa, mas, em caso de necessidade, poderia lutar com duas lâminas de bronze celestial ou atirar mangas maduras na cara de seus inimigos.

Annabeth tirou sua ânfora dos ombros. Ela também levava uma espada escondida; mas, mesmo sem ter uma arma visível, parecia mortal. Seus olhos cinzentos e tempestuosos examinavam o local, alertas a qualquer ameaça. Se algum sujeito convidasse Annabeth para sair, Jason achava mais provável que levasse um chute no *bifurcum*.

Ele tentou controlar a respiração.

Lá embaixo, a Baía de Afales brilhava, a água tão azul que parecia tingida de corante. Lá estava o *Argo II*, ancorado a algumas centenas de metros da orla. De longe, suas velas brancas pareciam selos; seus noventa remos, palitos de dente. Jason imaginou os amigos no convés acompanhando seu progresso, se revezando com a luneta de Leo, tentando não rir ao ver o vovô Jason se arrastando colina acima.

— Ítaca idiota — murmurou ele.

Aquele lugar devia ser muito bonito. Havia uma serra com picos cobertos de florestas que serpenteava pelo meio da ilha. Penhascos de calcário mergulhavam

no mar. Pequenas baías formavam praias rochosas e enseadas onde casas de telhados vermelhos e igrejas de estuque branco se aninhavam à beira-mar.

As encostas eram pontilhadas de papoulas, açafraão e cerejeiras silvestres. A brisa tinha o cheiro de murtas em flor. Tudo muito lindo... exceto a temperatura de quase quarenta graus e o ar úmido como o de uma casa de banho romana.

Teria sido fácil para Jason controlar os ventos e subir a colina voando, mas *nããããõ*. Para evitar chamar atenção, tinha que se arrastar como um velho com joelhos fracos e fedor de canja de galinha.

Ele pensou sobre sua última escalada, duas semanas antes, quando ele e Hazel tinham enfrentado o vilão Círon nos penhascos da Croácia. Pelo menos na época Jason contava com toda a sua força. O que estavam prestes a enfrentar seria muito pior que um bandido.

— Tem certeza de que esta é a colina certa? — perguntou ele. — Parece tudo meio... não sei... *quieto*.

Piper observou o cume. Havia uma pena de harpia azul-clara trançada em seu cabelo, uma lembrança do ataque da noite anterior. A pena não combinava muito com seu disfarce, mas Piper a havia conquistado ao derrotar sozinha um bando inteiro de senhoras-galinhas demoníacas durante seu turno de guarda. Piper minimizara o feito, mas Jason sabia que ela estava orgulhosa do que fizera. A pena era um lembrete de que ela não era a mesma garota do inverno anterior, quando eles chegaram pela primeira vez ao Acampamento Meio-Sangue.

— As ruínas estão lá em cima. Eu vi na lâmina da Katoptris. E vocês ouviram o que Hazel disse: “A maior...”

— “A maior reunião de espíritos malignos que eu já senti” — completou Jason. — É. Parece bem legal.

Depois de tudo por que tinham passado para atravessar o templo subterrâneo de Hades, a última coisa que Jason queria era lidar com mais espíritos malignos. Mas a missão estava em risco. A tripulação do *Argo II* precisava tomar uma decisão muito importante. Se tomassem a decisão errada, iriam fracassar, e o mundo inteiro seria destruído.

A adaga de Piper, os sentidos mágicos de Hazel e os instintos de Annabeth concordavam: a resposta estava ali em Ítaca, no antigo palácio de Odisseu, onde

uma horda de espíritos malignos tinha se reunido para aguardar as ordens de Gaia. O plano era se infiltrar entre eles, descobrir o que estava acontecendo e decidir o que fariam a seguir. Depois sair dali, de preferência vivos.

Annabeth reajustou seu cinto dourado.

— Espero que nossos disfarces funcionem. Os pretendentes eram figuras asquerosas quando estavam vivos. Se descobrirem que somos semideuses...

— A magia de Hazel vai funcionar — afirmou Piper.

Jason tentava acreditar.

Os pretendentes: cem dos homens mais perversos, cruéis e gananciosos que já existiram. Quando Odisseu, rei de Ítaca, desapareceu após a Guerra de Troia, esse bando de príncipes de segunda classe invadiu seu palácio e se recusou a sair. Todos eles tinham esperanças de se casar com a rainha Penélope e assumir o reino. Odisseu conseguiu regressar em segredo e matar todos eles — uma festa básica de boas-vindas. Mas, se as visões de Piper estivessem certas, os pretendentes estavam de volta, assombrando o palácio onde haviam morrido.

Jason não podia acreditar que estava prestes a visitar o verdadeiro palácio de Odisseu, um dos heróis gregos mais famosos de todos os tempos. Mas, afinal, toda aquela missão consistia em um acontecimento extraordinário atrás do outro. Annabeth tinha acabado de voltar das profundezas do Tártaro. Levando isso em conta, Jason achou que deveria parar de reclamar por ser um velho.

— Bem... — Ele se firmou com seu cajado. — Se eu estiver *parecendo* tão velho quanto me sinto, meu disfarce deve estar perfeito. Vamos continuar.

Enquanto subiam, o suor escorria por seu pescoço. Suas panturrilhas latejavam. Apesar do calor, ele começou a tremer. E por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar em seus sonhos recentes.

Desde a Casa de Hades, os sonhos haviam se tornado mais vívidos.

Às vezes Jason estava parado no templo subterrâneo em Épiro, com o gigante Clítio assomando sobre ele, falando em um coral de vozes: *Foi preciso todos vocês juntos para me derrotar. O que farão quando a Mãe Terra despertar?*

Outras vezes Jason estava no cume da Colina Meio-Sangue e Gaia se erguia do solo, uma figura formada por um turbilhão de terra, folhas e pedras.

Pobre criança. A voz dela ressoava ao longe, fazendo trepidar o chão. *Seu pai é o primeiro entre os deuses, mas mesmo assim você está sempre em segundo lugar — em*

relação aos seus camaradas romanos, aos seus amigos gregos e até mesmo em sua família. Como pretende provar seu valor?

Seu pior sonho começava no pátio da Casa dos Lobos, em Sonoma. Juno estava parada diante dele, reluzindo com o brilho de prata derretida.

Você me pertence, trovejou a voz da deusa. *Um presente de Zeus.*

Jason sabia que não deveria olhar, mas não conseguia fechar os olhos enquanto Juno virava uma supernova, revelando sua verdadeira forma divina. A dor cauterizava a mente de Jason. Seu corpo ia se desintegrando em camadas, como se fosse uma cebola.

A cena mudava. Jason ainda estava na Casa dos Lobos, mas era um garotinho de no máximo dois anos. Havia uma mulher ajoelhada a sua frente e um perfume de limão familiar. Seus traços eram indefinidos, mas ele reconhecia sua voz: clara e delicada, como a mais fina camada de gelo sobre um riacho.

Vou voltar para buscar você, querido, dizia ela. *Logo, logo estaremos juntos.*

Sempre que Jason despertava desse pesadelo, seu rosto estava coberto de suor. E lágrimas ardiam em seus olhos.

Nico di Angelo tinha avisado: a Casa de Hades iria fazê-los reviver suas piores lembranças, os faria ver e ouvir coisas do passado. Seus fantasmas ficariam inquietos.

Jason tinha esperado que aquele fantasma em especial permanecesse escondido, mas a cada noite o sonho ficava pior. Agora ele estava subindo até as ruínas de um palácio onde um exército de fantasmas havia se reunido.

Isso não significa que ela estará lá, disse Jason a si mesmo. Mas suas mãos não paravam de tremer. Cada passo parecia mais difícil que o anterior.

— Estamos quase lá — disse Annabeth. — Vamos...

BUM! A encosta tremeu. Em algum lugar além do cume, uma multidão comemorou, como espectadores em um coliseu. O som fez a pele de Jason se arrepiar. Não fazia muito tempo que ele havia lutado pela própria vida em um coliseu romano diante de uma empolgada plateia fantasmagórica. Ele não tinha a menor vontade de repetir a experiência.

— O que foi essa explosão?

— Não sei — disse Piper. — Mas parece que eles estão se divertindo. Vamos lá fazer amizade com alguns mortos.

JASON

NATURALMENTE, A SITUAÇÃO ERA PIOR do que Jason havia esperado.

Do contrário, não teria graça.

Espiando através de oliveiras, no alto da colina, ele viu o que parecia uma festa muito louca de uma fraternidade de zumbis.

As ruínas em si não eram muito impressionantes: alguns muros de pedra, um pátio interno coberto de mato, uma escadaria escavada na rocha e que não levava a lugar algum. Tábuas de compensado cobriam um poço e um andaime de metal sustentava um arco com uma rachadura.

Mas sobreposta às ruínas havia outra camada de realidade: uma miragem espectral do palácio tal como devia ter sido em seu auge. Paredes brancas de estuque, com sacadas em toda a sua extensão, erguiam-se a uma altura equivalente a três andares. Pórticos com colunas cercavam o átrio central, que tinha uma fonte enorme e braseiros de bronze. Em doze mesas de banquete, *ghouls* riam, comiam e provocavam uns aos outros.

Jason esperava cerca de cem espíritos, mas havia o dobro ali, todos dando em cima das criadas espectrais que serviam às mesas, quebrando pratos e taças e basicamente fazendo uma grande bagunça.

A maioria se parecia com os Lares do Acampamento Júpiter — espectros transparentes roxos, de túnica e sandálias —, mas alguns tinham corpos em de-

composição com carne cinzenta, chumaços emaranhados de cabelo e feridas horríveis. Outros pareciam mortais comuns, em togas, ternos bem-cortados ou uniformes militares. Jason chegou a ver um vestindo a camiseta roxa do Acampamento Júpiter e uma armadura de legionário romano.

No centro do átrio, um *ghoul* de pele cinza vestindo uma túnica grega esfarapada desfilava pelo grupo segurando um busto de mármore acima da cabeça como se fosse o troféu de uma competição esportiva. Os outros fantasmas aplaudiam e lhe davam tapinhas nas costas. À medida que o *ghoul* se aproximava, Jason percebeu que ele tinha uma flecha na garganta — a haste com penas projetava-se de seu pomo de adão. Havia algo ainda mais perturbador: o busto que ele carregava... aquele era *Zeus*?

Era difícil ter certeza. A maioria das estátuas de deuses gregos era parecida. Mas o rosto barbado e rabugento lembrava demais o Zeus hippie gigante do chalé 1 do Acampamento Meio-Sangue.

— Nossa próxima oferenda! — gritou o *ghoul*, sua voz saindo aguda por causa da flecha em sua garganta. — Vamos alimentar a Mãe Terra!

Os outros gritaram e bateram suas taças na mesa. O *ghoul* abriu caminho até a fonte central. A multidão lhe deu passagem, e Jason percebeu que a fonte não estava cheia de água. Do pedestal de um metro de altura jorrava para o alto um gêiser de areia, que se abria em arco e caía como uma cortina de partículas brancas na base circular.

O *ghoul* jogou o busto de mármore na fonte. Assim que a cabeça de Zeus atravessou a ducha de areia, a rocha se desintegrou como se estivesse passando por um triturador. A areia brilhou como ouro, a cor do icor, o sangue divino. Então a montanha inteira trovejou com um *BUM* abafado, como se estivesse arrotando após uma refeição.

Os mortos vibraram em aprovação.

— Sobrou alguma estátua? — gritou o *ghoul* para os outros. — Não? Então acho que vamos ter que esperar chegarem deuses *de verdade* para sacrificarmos!

Seus camaradas riram e aplaudiram enquanto o *ghoul* se sentava à mesa à mais próxima.

Jason apertou seu cajado.

— Esse cara acabou de desintegrar meu pai. Quem ele *pensa* que é?

— Se eu fosse chutar, diria que é Antínoo — disse Annabeth. — Um dos líderes dos pretendentes. Se me lembro bem, foi Odisseu quem acertou aquela flecha no pescoço dele.

Piper estremeceu.

— E a gente achando que esse tipo de coisa mata. E os outros? Por que são tantos?

— Não sei — admitiu Annabeth. — Talvez sejam novos recrutas de Gaia. Devem ter conseguido voltar à vida antes que fechássemos as Portas da Morte. Alguns são apenas espíritos.

— Alguns são *ghouls* — disse Jason. — Os que têm feridas abertas e pele cinzenta, como Antínoo... Já lutei contra outros como ele.

Piper deu um leve puxão em sua pena de harpia.

— Eles podem ser mortos?

Jason se lembrou de uma missão que ele tinha cumprido para o Acampamento Júpiter anos antes, em San Bernardino.

— Não com facilidade. Eles são fortes, rápidos e inteligentes. E comem carne humana.

— Fantástico — murmurou Annabeth. — Não vejo opção além de seguirmos o plano. Vamos nos separar, nos infiltrar e descobrir por que eles estão aqui. Se as coisas não correrem bem...

— Recorremos ao plano B — completou Piper.

Jason odiava o plano B.

Antes de deixarem o barco, Leo tinha dado a cada um deles um sinalizador do tamanho de uma vela de aniversário. Supostamente, se os jogassem para cima, os sinalizadores subiriam no ar em um fecho de luz branca que alertaria o *Argo II* de que o grupo estava com problemas. Naquele instante, Jason e as garotas teriam alguns segundos para se abrigar antes que as catapultas do navio abrissem fogo sobre o palácio, envolvendo tudo em fogo grego e estilhaços de bronze celestial.

Não era um plano muito tranquilo, mas pelo menos Jason sentia satisfação em saber que podia convocar um ataque aéreo sobre aquele grupinho de mortos barulhentos se a situação ficasse complicada. Claro, isso se os três conseguissem escapar a tempo. E supondo que as velas do juízo final de Leo não disparassem

acidentalmente — isso às vezes acontecia com as invenções dele —, o que faria o clima esquentar bastante, com noventa por cento de risco de um apocalipse calcinante.

— Cuidado lá embaixo — disse ele a Piper e Annabeth.

Piper seguiu pelo lado esquerdo do cume. Annabeth foi pelo direito. Jason se levantou com seu cajado e saiu mancando na direção das ruínas.

Ele se lembrou da última vez em que mergulhara em uma multidão de espíritos malignos, na Casa de Hades. Se não tivesse sido por Frank Zhang e Nico di Angelo...

Pelos deuses... *Nico*.

Durante os últimos dias, sempre que Jason sacrificava uma porção de sua refeição para Júpiter, rezava ao pai para que ajudasse Nico. Aquele garoto tinha passado por muita coisa, e mesmo assim se oferecera para o trabalho mais difícil: transportar a Atena Partenos até o Acampamento Meio-Sangue. Se ele não conseguisse, os semideuses romanos e gregos entrariam em guerra. Aí, independentemente do que acontecesse na Grécia, o *Argo II* não teria um lar para o qual voltar.

Jason passou pelo fantasmagórico pórtico do palácio. Percebeu bem a tempo que uma seção do piso de mosaico à sua frente era apenas uma ilusão que cobria um poço de escavação de três metros de profundidade. Ele desviou e chegou ao pátio.

Os dois níveis de realidade lhe lembravam a fortaleza dos titãs no Monte Otris, um labirinto de mármore negro com paredes que se transformavam aleatoriamente em sombras para então se solidificarem outra vez. Mas durante aquela luta Jason estava com cem legionários. Agora, tudo o que tinha era o corpo de um velho, um cajado e duas amigas em vestidos provocantes.

Quinze metros à frente dele, Piper se movia em meio à multidão, sorrindo e enchendo taças de vinho para os convivas fantasmagóricos. Se ela estava com medo, não demonstrava. Até aquele momento, os fantasmas não estavam prestando muita atenção nela. A magia de Hazel devia estar funcionando.

À direita dele, Annabeth recolhia pratos e taças vazios. Ela não estava sorrindo.

Jason se lembrou da conversa que tivera com Percy antes de deixar o navio.

Percy permanecera no *Argo II* para protegê-los de ameaças vindas do mar, mas não tinha gostado da ideia de Annabeth participar daquela expedição sem ele, ainda mais porque seria a primeira vez que iriam se separar desde que tinham voltado do Tártaro.

Ele tinha puxado Jason para um canto.

— Ei, cara... Annabeth ia me matar se eu sugerisse que ela precisa da proteção de alguém.

Jason rira.

— É, ia mesmo.

— Mas tome conta dela, está bem?

Jason apertara o ombro do amigo.

— Vou cuidar para que ela volte sã e salva para você.

Jason agora se perguntava se conseguiria manter essa promessa.

Ele se aproximou da multidão.

Uma voz rouca gritou:

— IRO! — Antínoo, o *ghoul* com a flecha na garganta, olhava diretamente para ele. — É você, seu mendigo velho?

A magia de Hazel estava fazendo seu trabalho. Uma brisa fria ondulou pelo rosto de Jason conforme a Névoa alterava sutilmente sua aparência, mostrando aos pretendentes o que eles esperavam ver.

— Eu mesmo! — disse Jason. — Iro!

Doze fantasmas se viraram para ele. Alguns fecharam a cara e levaram a mão ao cabo de suas roxas e reluzentes espadas. Só então Jason se perguntou se Iro era inimigo deles, mas agora ele já havia assumido o papel.

Ele avançou com dificuldade, fazendo sua melhor expressão de velho mal-humorado.

— Acho que estou atrasado para a festa. Espero que tenham guardado um pouco de comida para mim.

Um dos fantasmas olhou para ele com desprezo.

— Mendigo ingrato. Posso matá-lo, Antínoo?

Os músculos do pescoço de Jason se retesaram.

Antínoo olhou para ele por alguns segundos, depois riu.

— Hoje estou de bom humor. Venha, Iro, junte-se a nós.

Jason não tinha muita escolha. Sentou-se de frente para Antínoo, enquanto mais fantasmas se aglomeravam ao redor deles, observando-os como se esperassem ver uma disputa bem violenta de queda de braço.

De perto, os olhos de Antínoo eram amarelos. Seus lábios, finos como papel, se abriam sobre dentes afiados. De início, Jason achou que o cabelo negro encaracolado do *ghoul* estava se decompondo. Então percebeu que um fluxo permanente de terra escorria do couro cabeludo de Antínoo, caindo sobre seus ombros. Placas de lama enchiam feridas antigas na pele cinzenta do *ghoul*. Mais terra escorria da base da ferida de flecha em sua garganta.

O poder de Gaia, pensou Jason. A terra é o que está mantendo esse cara em pé.

Antínoo colocou uma taça dourada e um prato cheio de comida na frente de Jason.

— Eu não esperava vê-lo aqui, Iro. Mas até um mendigo pode querer sua vingança. Beba. Coma.

Um líquido vermelho espesso balançava no interior da taça. No prato havia um pedaço fumegante de carne de origem duvidosa.

O estômago de Jason se embrulhou. Mesmo que a comida dos *ghouls* não o matasse, sua namorada vegetariana ficaria um mês sem beijá-lo.

Ele se lembrou do que Noto, o Vento Sul, lhe dissera: *Um vento que sopra à toa não serve para nada.*

Toda a carreira de Jason no Acampamento Júpiter tinha sido construída com base em escolhas cuidadosas. Ele mediava brigas entre semideuses, ouvia todos os lados de uma discussão, firmava acordos. Até quando contrariava as tradições romanas, pensava antes de agir. Não era do tipo impulsivo.

Noto o avisara que essa hesitação acabaria por matá-lo. Jason tinha que parar de ponderar e começar a tomar atitudes.

Se ele era um mendigo ingrato, tinha que *agir* como um.

Ele arrancou um naco de carne com os dedos e o enfiou na boca. Bebeu avidamente o líquido vermelho, que felizmente tinha sabor de vinho agüado, não era sangue nem veneno. Jason lutou contra a ânsia de vômito, mas não morreu nem explodiu.

— Hummm! — Ele esfregou a boca. — Agora me contem sobre essa... como vocês chamaram mesmo? Vingança? Onde eu me inscrevo?

Os fantasmas riram. Um lhe deu um empurrão no ombro, e Jason ficou alarmado por poder realmente *senti-lo*.

No Acampamento Júpiter, Lares não tinham substância física. Aparentemente, aqueles espíritos *tinham*, o que significava mais inimigos que podiam golpeá-lo, esfaqueá-lo ou decapitá-lo.

Antínoo debruçou-se para a frente.

— Conte-me, Iro, o que você tem a oferecer? Não precisamos mais de você para enviar nossas mensagens, como nos velhos tempos. Com certeza você não é um guerreiro. Pelo que me lembro, Odisseu quebrou seu maxilar e o jogou no chiqueiro junto com os porcos.

Os neurônios de Jason se incendiaram. *Iro...* o velho que levava mensagens para os pretendentes em troca de restos de comida. Iro tinha sido uma espécie de sem-teto de estimação. Quando Odisseu voltou para casa, disfarçado de mendigo, Iro achou que ele estava invadindo seu território. Os dois começaram a discutir...

— Você fez Iro... — Jason hesitou. — Você *me* fez lutar contra Odisseu. Apostou dinheiro nisso. Mesmo quando Odisseu tirou a camisa e você viu como ele era musculoso... mesmo assim você me fez lutar com ele. Não se importava se eu ia viver ou morrer!

Antínoo exibiu os dentes pontudos.

— É claro que eu não me importava. E continuo sem me importar! Mas você está aqui, então Gaia deve ter tido uma razão para permitir que você voltasse ao mundo mortal. Conte-me, Iro, por que acha que merece uma parte de nosso espólio?

— Que espólio?

Antínoo abriu os braços.

— O mundo inteiro, meu amigo. Quando nos conhecemos, queríamos apenas as terras, o dinheiro e a esposa de Odisseu.

— Principalmente a esposa dele! — Um fantasma careca vestindo roupas esfarrapadas cutucou Jason nas costelas com o cotovelo. — Aquela Penélope era muito gostosa, um piteuzinho!

Jason viu Piper servindo bebidas na mesa ao lado. Ela levou discretamente o dedo à boca, como se fosse vomitar, depois voltou a flertar com os homens mortos.

Antínoo soltou um riso de escárnio.

— Eurímaco, seu covarde chorão. Você não tinha a *menor* chance com Penélope. Eu me lembro de você se debulhando em lágrimas e implorando a Odisseu por sua vida, botando a culpa de tudo em mim!

— Como se isso tivesse ajudado. — Eurímaco levantou a camisa esfarrapada, revelando um buraco espectral de uns três centímetros de diâmetro no meio do peito. — Odisseu me acertou no coração, só porque eu queria me casar com a mulher dele!

— De qualquer modo... — Antínoo se virou para Jason — ...agora estamos visando a um prêmio muito maior. Quando Gaia destruir os deuses, vamos dividir entre nós os restos do mundo mortal!

— Eu quero Londres! — berrou um *ghoul* sentado à mesa ao lado.

— Montreal! — gritou outro.

— Duluth! — berrou um terceiro, o que interrompeu a conversa por um momento, pois os fantasmas olhavam confusos para ele.

A carne e o vinho se transformaram em chumbo no estômago de Jason.

— E o resto desses... convidados? Conteí pelo menos duzentos. Metade deles eu não reconheço.

Os olhos amarelos de Antínoo brilharam.

— Todos desejam os favores de Gaia. Todos têm reclamações e ressentimentos contra os deuses ou seus heróis de estimação. Aquele patife ali é Hípias, antigo tirano de Atenas. Foi deposto e se aliou com os persas para atacar o próprio povo. Não tem nenhum princípio moral. Faria qualquer coisa por poder.

— Obrigado! — retrucou Hípias.

— Aquele canalha com a coxa de peru na boca — prosseguiu Antínoo — é Asdrúbal de Cartago. Ele tem contas a acertar com Roma.

— Aham — concordou o cartaginês.

— E Michael Varus...

Jason engasgou.

— *Quem?*

Do outro lado da fonte de areia, o cara de cabelo negro com camiseta e armadura de legionário se virou a fim de olhar para eles. Seus traços estavam borrados, esfumaçados e indefinidos, então Jason achou que ele fosse algum tipo de espíri-

to, mas a tatuagem da legião em seu antebraço era bem nítida: SPQR, a cabeça com duas faces do deus Jano e seis marcas por anos de serviço. Sobre o peitoral pendiam a medalha de pretor e o emblema da Quinta Coorte.

Jason não chegara a conhecer Michael Varus; o pretor infame havia morrido nos anos oitenta. Mesmo assim, Jason se arrepiou todo quando seu olhar cruzou com o de Varus. Aqueles olhos sombrios pareciam penetrar pelo disfarce de Jason.

Antínoo fez um gesto desdenhoso.

— É um semideus romano. Perdeu a águia de sua legião no... Alasca, não foi? Não importa. Gaia deixa que ele fique por aqui. O garoto insiste em dizer que sabe como derrotar o Acampamento Júpiter. Mas você, Iro, ainda não respondeu a minha pergunta. Por que devemos aceitá-lo em nosso grupo?

Os olhos mortos de Varus tinham deixado Jason nervoso. Ele podia sentir a Névoa se dissipando a sua volta, como consequência de sua incerteza.

De repente, Annabeth surgiu junto ao ombro de Antínoo.

— Mais vinho, meu senhor? Ops!

Ela derramou o conteúdo de um jarro de prata na nuca dele.

— Argh! — O *ghoul* arqueou as costas. — Garota tola! Quem a deixou voltar do Tártaro?

— Um titã, meu senhor. — Annabeth baixou a cabeça em um gesto de desculpas. — Posso lhe trazer algumas toalhas úmidas? Sua flecha está pingando.

— Suma daqui!

Annabeth encarou Jason, em uma mensagem silenciosa de apoio, e em seguida desapareceu na multidão.

O *ghoul* se secou, o que deu a Jason a oportunidade de organizar seus pensamentos.

Ele era Iro... ex-mensageiro dos pretendentes. Por que deveria estar ali? Por que eles deveriam recebê-lo?

Jason pegou a faca mais próxima e a fincou na mesa, dando um susto nos fantasmas a sua volta.

— Por que devem me aceitar? — resmungou ele. — Porque eu ainda levo mensagens, suas criaturas estúpidas! Acabei de vir da Casa de Hades para ver o que vocês estão tramando!

Essa última parte era verdade, e pareceu fazer Antínoo hesitar. O *ghoul* olhou para ele, o vinho ainda escorrendo da haste da flecha cravada em sua garganta.

— Quer que eu acredite que Gaia mandou logo você, um mendigo, para nos espionar?

Jason riu.

— Eu fui um dos últimos a deixar Épiro antes que as Portas da Morte se fechassem! Vi a sala onde Clítio mantinha guarda sob um teto abobadado revestido de lápides. Caminhei pelo chão de joias e ossos do *Necromanteion*!

Isso também era verdade. Em torno da mesa, os fantasmas se agitaram e murmuraram.

— Então, Antínoo... — Jason cutucou o *ghoul* com o indicador. — Talvez *você* devesse me explicar por que é digno dos favores de Gaia. Tudo o que vejo é um bando de gente morta preguiçosa que não faz nada além de se divertir, sem ajudar no esforço de guerra. O que devo dizer à Mãe Terra?

Pelo canto do olho, Jason viu Piper abrir um sorriso de aprovação. Depois ela voltou sua atenção para um sujeito grego roxo reluzente que tentava fazê-la sentar em seu colo.

Antínoo segurou a faca que Jason cravara na mesa. Ele a arrancou e observou a lâmina.

— Se você é enviado de Gaia, deve saber que estamos aqui cumprindo ordens. Fomos mandados por Porfíron. — Antínoo passou a faca na palma da própria mão. Em vez de sangue, escorreu terra do corte. — Você conhece Porfíron, não?

Jason lutou para manter a náusea sob controle. Ele se lembrava muito bem de Porfíron e da batalha na Casa dos Lobos.

— O rei dos gigantes... pele verde, mais de dez metros de altura, olhos brancos, armas trançadas nos cabelos. É claro que eu o conheço. Ele impressiona muito mais que *você*.

Ele achou melhor não mencionar que na última vez que vira o rei dos gigantes, arrebentara sua cabeça com um raio.

Pela primeira vez Antínoo pareceu não saber o que dizer, mas seu amigo fantasma careca passou o braço ao redor dos ombros de Jason.

— Ora, ora, amigo! — Eurímaco cheirava a vinho azedo e a fios elétricos queimados. Seu toque fantasmagórico fez as costelas de Jason formigarem. —

Tenha certeza de que não era nossa intenção questionar suas credenciais! É só que, bem, se você falou com Porfírión em Atenas, *sabe* por que estamos aqui. Garanto que estamos fazendo exatamente o que ele mandou!

Jason tentou esconder a surpresa. *Porfírión em Atenas.*

Gaia prometera acabar com os deuses destruindo suas raízes. Para Quíron, mentor de Jason no Acampamento Meio-Sangue, isso significava que os gigantes iriam tentar despertá-la da terra no Monte Olimpo original. Mas agora...

— A Acrópole — disse Jason. — Os mais antigos templos dedicados aos deuses ficam lá, no meio de Atenas. É onde Gaia vai despertar.

— É claro! — disse Eurímaco, rindo. A ferida em seu peito soltou um estalo, como o respiradouro de um golfinho. — E, para chegar lá, aqueles semideuses intrometidos vão ter que viajar pelo mar, certo? Eles sabem que é perigoso voar sobre a terra.

— O que significa que vão ter que passar por esta ilha — concluiu Jason.

Eurímaco assentiu com ansiedade. Ele tirou o braço dos ombros de Jason e enfiou o dedo em sua taça de vinho.

— Nesse momento, eles terão que fazer uma escolha, certo?

Em cima da mesa, o fantasma traçou a linha de uma costa, o vinho tinto brilhando de forma destacada sobre a madeira. Ele desenhara a Grécia como uma ampulheta deformada — uma bolha grande e tremida para a parte norte do continente, depois outra bolha abaixo, quase do mesmo tamanho, para a região conhecida como Peloponeso. As duas eram divididas por uma linha estreita de mar, o Canal de Corinto.

Jason não precisava do desenho. Ele e o restante da tripulação haviam passado o dia anterior estudando mapas.

— A rota mais direta — disse Eurímaco — seria rumar para o leste a partir daqui, pelo Canal de Corinto. Mas se eles tentarem ir por lá...

— Chega — interrompeu Antínoo. — Você fala demais, Eurímaco.

O fantasma fez um ar de ofendido.

— Eu não ia contar tudo a ele! Só sobre os exércitos de ciclopes estacionados nas duas margens. E os espíritos da tempestade furiosos no ar. E aqueles monstros marinhos terríveis que Ceto mandou para infestar as águas. E, é claro, se o navio conseguir chegar a Delfos...

— Idiota!

Antínoo se esticou por cima da mesa e agarrou o pulso do fantasma. Uma crosta fina de terra se espalhou a partir da mão do *ghoul* e subiu pelo braço espectral de Eurímaco.

— Não! — exclamou Eurímaco. — Por favor! Eu... eu só queria...

O fantasma gritava enquanto a terra cobria seu corpo como uma carapaça, que depois se despedaçou, não deixando nada além de um montinho de poeira. Eurímaco havia desaparecido.

Antínoo se recostou em seu assento e esfregou as mãos para limpá-las. Os outros pretendentes à mesa o observavam em um silêncio apreensivo.

— Desculpe, Iro. — O *ghoul* deu um sorriso frio. — O que você precisa saber é que os caminhos para Atenas estão bem protegidos, como prometemos. Os semideuses terão que se arriscar no canal, que é intransponível, ou navegar em torno do Peloponeso, o que também não é lá muito seguro. De qualquer modo, é improvável que eles sobrevivam por tempo suficiente para *fazer* essa escolha. Assim que chegarem a Ítaca, nós saberemos. Vamos detê-los aqui, e Gaia vai ver nosso valor. Pode levar essa mensagem de volta para Atenas.

O coração de Jason martelava no peito. Ele nunca havia visto nada como a carapaça de terra que Antínoo invocara para destruir Eurímaco. E não queria descobrir se aquele poder funcionava em semideuses.

Além disso, o *ghoul* parecia confiante em sua capacidade de detectar o *Argo II*. A magia de Hazel estava, pelo visto, escondendo o navio, mas não havia como dizer quanto tempo isso ia durar.

Jason tinha a informação que eles haviam ido buscar. O objetivo era chegarem a Atenas. A rota mais segura, ou pelo menos a rota *menos impossível*, era dar a volta pela costa sul da Grécia. Era dia vinte de julho. Eles só tinham doze dias até o planejado despertar de Gaia: em primeiro de agosto, no antigo Banquete da Esperança.

Jason e as garotas precisavam partir enquanto tinham chance.

Havia, porém, mais alguma coisa que o incomodava, uma sensação gelada de mau pressentimento, como se ele ainda não tivesse ouvido as piores notícias.

Eurímaco mencionara Delfos. Jason tinha a esperança de visitar o antigo local do oráculo de Apolo e talvez conseguir alguma informação sobre seu futuro, mas se o lugar fora tomado por monstros...

Ele empurrou o prato de comida fria para o lado.

— Parece que está tudo sob controle aqui. Para o seu bem, Antínoo, espero que esteja mesmo. Esses semideuses são muito sagazes. Eles fecharam as Portas da Morte. Não íamos querer que eles passassem despercebidos por vocês, talvez com a ajuda de Delfos.

Antínoo gargalhou.

— Não tem como. Delfos não está mais sob o controle de Apolo.

— E-eu entendo. Mas e se os semideuses fizerem o caminho mais longo e derem a volta no Peloponeso?

— Você se preocupa demais. Essa viagem *nunca* foi segura para semideuses, e é muito longa. Além disso, Vitória está fora de controle em Olímpia. Enquanto isso continuar, não há como os semideuses vencerem esta guerra.

Jason também não entendeu o que ele queria dizer com isso, mas assentiu.

— Muito bom. Vou relatar tudo ao rei Porfirion. Obrigado pela... hum, pela refeição.

Mas Michael Varus, junto à fonte, disse:

— Espere.

Jason engoliu um palavrão. Ele estava tentando ignorar o pretor morto, mas naquele momento Varus se aproximou, envolto por uma aura branca enevoada. Seus olhos sombrios pareciam poços. Ele trazia pendurado na cintura um gládio de ouro imperial.

— Você precisa ficar — disse Varus.

Antínoo lançou um olhar irritado para o fantasma.

— Qual o problema, legionário? Se Iro quer ir embora, deixe que vá. Ele fede!

Os outros fantasmas deram risadas nervosas. Do outro lado do pátio, Piper olhou preocupada para Jason. Um pouco mais longe, Annabeth discretamente pegou uma faca da travessa de carne mais próxima.

Varus levou a mão ao cabo de sua espada. Apesar do calor, seu peitoral estava coberto de gelo.

— Perdi minha coorte *duas vezes* no Alasca, uma vez em vida, uma na morte para um *graecus* chamado Percy Jackson. Mesmo assim, vim aqui atender ao chamado de Gaia. Sabe por quê?

Jason engoliu em seco.

— Teimosia?

— Este é um lugar de desejos — disse Varus. — Todos nós fomos atraídos para cá, sustentados não só pelo poder de Gaia, mas também pelos nossos maiores anseios. A ambição de Eurímaco. A crueldade de Antínoo...

— Você me lisonjeia — murmurou o *ghoul*.

— O ódio de Asdrúbal — prosseguiu Varus. — A amargura de Hípias. Minha ambição. E você, *Iro*? O que o trouxe até aqui? O que um mendigo mais deseja? Seria uma casa?

Um formigamento desconfortável surgiu na nuca de Jason, a mesma sensação que ele tinha quando uma grande tempestade elétrica estava prestes a começar.

— Eu preciso ir — disse ele. — Tenho mensagens para entregar.

Michael Varus sacou a espada.

— Meu pai é Jano, o deus de duas faces. Estou acostumado a ver através de máscaras e ilusões. Sabe, *Iro*, por que temos tanta certeza de que os semideuses não vão passar por nossa ilha sem serem notados?

Jason repassou mentalmente todo o seu repertório de palavrões em latim. Tentou calcular quanto tempo levaria para pegar seu sinalizador de emergência e dispará-lo. Com sorte, conseguiria ganhar tempo suficiente para que as garotas encontrassem abrigo antes que aquele bando de caras mortos o matasse.

Ele se virou para Antínoo.

— Você está no comando aqui ou não? Talvez deva amordaçar seu romano.

O *ghoul* respirou fundo. A flecha vibrou em sua garganta.

— Ah, mas isso pode ser divertido. Continue, Varus.

O pretor morto levantou a espada.

— Nossos desejos nos revelam. Eles mostram quem realmente somos. Alguém está aqui por sua causa, Jason Grace.

A multidão atrás de Varus se afastou. O fantasma tremeluzente de uma mulher se aproximou, e Jason achou que seus ossos estavam virando gelatina.

— Querido — disse o fantasma de sua mãe. — Você voltou para casa.